

Séries, Rhimes e *Agenda Setting*: Representações Raciais na Televisão Americana¹

Pedro Savir da COSTA²

Silvia Helena BELMINO³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho utiliza três das principais criações da roteirista, diretora e produtora Shonda Rhimes como objeto de estudo, relacionando-as com as falhas representações étnicas⁴ e raciais⁵ na televisão estadunidense e a teoria da comunicação do agendamento. *Grey's Anatomy*, *Private Practice* e *Scandal* são analisadas, quantificadas e contrastadas com outras das séries de maior audiência transmitidas nos Estados Unidos em busca de uma maior compreensão sobre a influência das produções culturais de massa na sociedade atual e de um novo olhar sob as produções televisivas americanas e suas responsabilidades.

PALAVRAS-CHAVE: televisão; séries; agendamento; relações raciais; representação étnica;

Introdução

É incontestável a relevância dos meios de comunicação na vida dos indivíduos. Por meio de tais veículos ocorre tanto a edificação do senso comum como as tentativas de se alicerçar novas ideologias e paradigmas envolvendo a sociedade como um todo. E a mídia, como mediadora da realidade e simulacro do espaço societário, pode criar a ilusão de que retrata efetivamente as representações sociais as quais tomamos como verdadeiras. Seus recortes passariam, assim, a serem enxergados como o próprio *real*. Durante essa mediação, entretanto, são aplicados diferentes filtros, motivados por diferentes razões.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Rádio, TV e Internet, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de graduação do 3º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: pedrosavir@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: silviahelenabelmino@gmail.com

⁴ "Vancher de Lapouge elaborou o conceito de etnia para se referir às características não abarcadas pela raça, definindo etnia como um agrupamento humano baseado em laços culturais compartilhados, de modo a diferenciar esse conceito do de raça (que estava associado a características físicas)" (SILVA, K. V.; SILVA, M. H., 2006, p. 124)

⁵ Para Lapouge, "a raça era entendida como as características hereditárias comuns a um grupo de indivíduos." (SILVA, K. V.; SILVA, M. H., 2006, p. 124)

Tecendo imagens e narrativas da realidade, os enredos e imagens dos meios midiáticos serão absorvidos no cotidiano de milhares de pessoas e se transformarão nos códigos interpretativos com os quais elas abalizam o mundo e tecem suas próprias narrativas pessoais. (JAGUARIBE, 2007, p. 30)

A televisão, um dos mais importantes meios das últimas décadas, permanece imponente e continua a incitar a curiosidade científica, sendo objeto de frequentes estudos. Ela influencia diariamente a vida das pessoas, desde suas escolhas mais simples às suas crenças mais íntimas. Representa e ignora, glorifica e exclui. Participa ativamente da formação da percepção de mundo pelos indivíduos, assim como da construção e reestruturações deste.

Nem a família, nem a escola - velhos redutos da ideologia - são já o espaço chave da socialização, os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade, que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma metamorfose dos aspectos morais mais profundos. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 58)

Três das maiores emissoras de TV do mundo são originárias dos Estados Unidos. ABC (*American Broadcasting Company*), CBS (*Columbia Broadcasting System*) e NBC (*National Broadcasting Company*) ocupam o podium, respectivamente, sendo a primeira a realizadora dos produtos que serão prioritariamente analisados nesse trabalho. Pode-se imaginar, portanto, a influência de tal meio na sociedade americana e, conseqüentemente, em todo o mundo – tão inegável quanto a influência social da televisão aberta é a da maior potência capitalista do planeta, maior produtora da indústria cultural ocidental e exportadora de tendências e valores.

Um dos clássicos métodos estadunidenses de produção para o entretenimento é a narrativa popular seriada, inveterada em sua cultura e adaptável à vários meios e suportes. Contemporânea as primeiras sequências cinematográficas e por vezes paralela às então já há muito popularizadas séries literárias, a produção de séries em rádio foi iniciada tão logo o mercado de entretenimento de massa surgiu no Século XIX. Inspirado em tal produto surgiram as chamadas *soap operas*⁶ televisivas, formato semelhante às telenovelas que perdura em uso até hoje, mas com sua relevância comercial e social de meados do século passado expressivamente reduzida. Destes produtos surgiram os atuais seriados. Em sua

⁶ *Soap opera* é um gênero de obras de ficção difundido pela televisão americana composto por episódios transmitidos, em geral, diariamente. Termo cunhado pela mídia na década de 1960 por tais programas serem patrocinados por fabricantes de sabão (*soap*).

configuração mais comum e na *network television*⁷, a peça de entretenimento é semanal, possui duração de pouco mais de 20, 40 ou 60 minutos, é roteirizada e tem o enredo dividido em episódios e temporadas⁸.

Esse formato, que passou a receber altos investimentos e gerar um grande retorno financeiro, é atualmente um dos principais canais para o fomento de discussões, ocupando um espaço anteriormente preenchido por outros gêneros.

Shonda Rhimes é, há dez anos, uma das principais *showrunners*⁹ dos Estados Unidos. Negra, mulher, roteirista, diretora e produtora. Considerada pelo periódico americano *Time* como uma das *100 pessoas mais influentes do mundo em 2013*¹⁰, é a criadora, principal escritora e produtora executiva de suas séries. Durante este trabalho serão analisadas, comparadas e problematizadas os personagens, principalmente os *não-brancos*¹¹, de suas três principais criações para a emissora americana ABC: *Grey's Anatomy*, seu primeiro sucesso, o spin-off *Private Practice* e a recente *Scandal*.

Grey's Anatomy (2005)



Foto 1: Elenco original de *Grey's Anatomy*
(Divulgação/ABC)

⁷ Conjunto de emissoras de televisão que transmitem seu sinal gratuitamente; a chamada TV aberta.

⁸ É o conjunto usualmente anual de episódios de uma série. Na *network television* americana, possui em geral de 20 a 26 episódios.

⁹ Os mais altos nomes na hierarquia de produção, que tem em suas mãos as decisões finais nas questões de uma série. Geralmente essas pessoas são também as roteiristas da série.

¹⁰ TIME 100 é uma lista anual das pessoas mais influentes do mundo, independentemente se de maneira considerada positiva ou negativa pelos editores da revista *Time*, uma das de maior circulação no mundo. O resultado é proveniente de um debate entre acadêmicos, políticos e jornalistas americanos.

¹¹ Tradução do termo em inglês *non-white*, mais comum na língua anglo-saxônica. Designa pessoas que não se identificam com a classificação fenotípica de caucasiano.

Grey's Anatomy é um drama médico produzido pela e exibido no horário nobre da ABC. No Brasil, é transmitido pelo canal fechado *Sony Entertainment Television* e pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Seu episódio piloto¹² foi transmitido pela primeira vez em 27 de março de 2005 nos Estados Unidos.

A série é protagonizada por Ellen Pompeo (branca) como a Dra. Meredith Grey, residente cirúrgica do fictício hospital Seattle Grace, em Seattle, Washington. Seus colegas, também internos, Cristina Yang (Sandra Oh, amarela), Izzie Stevens (Katherine Heigl, branca), George O'Malley (T.R. Knight, branco) e Alex Karev (Justin Chambers, branco), liderados pela rígida residente Miranda Bailey (Chandra Wilson, negra), também são o foco do programa, que acompanha suas vidas amorosas e as dificuldades pelas quais passam no trabalho. Derek Sheperd (Patrick Dempsey, branco) e Preston Burke (Isaiah Washington, negro) são os chefes dos departamentos de neurologia e de cardiologia do hospital e interesses amorosos de Meredith e Cristina, respectivamente. Por último, James T. Pickens (negro) atua como Richard Webber, o Chefe de Cirurgia, responsável pela supervisão e orientação de todo os outros personagens.

A temporada inicial mostra os primeiros meses dos primeiros personagens como internos e seu cotidiano, com casos médicos semanais ou recorrentes. Entre as tramas, destacam-se os esforços de Meredith para agradar sua superior imediata, a “Nazi” Bailey, assim apelidada por conta de sua rigurosidade profissional, além dos para manter em segredo o seu relacionamento com o Dr. Shepherd e o fato de sua mãe sofrer de Alzheimer. Uma forte amizade entre a protagonista e a Dr. Yang vai se desenvolvendo desde os primeiros episódios e o envolvimento da última com o Dr. Burke, que enxerga em Shephard um rival na disputa pela futura direção do hospital, é outra das principais *storylines*¹³.

Dos 9 personagens fixos iniciais, 4 (Cristina Yang, Miranda Bailey, Preston Burke e Richard Webber) não são brancos, representando aproximadamente 45% do elenco apresentado no piloto. Será esse o *cast*¹⁴ levado em conta durante o trabalho, tendo em vista a longevidade de algumas séries e a relativa alta rotatividade de atores na indústria televisiva estadunidense.

¹² O primeiro episódio produzido de uma série, utilizado para apresentar o programa aos executivos de uma emissora e, caso aprovado, mais tarde ao público em geral.

¹³ Uma história específica do enredo de, entre outros, uma série ou filme.

¹⁴ A configuração de um elenco.

Private Practice (2007)



Foto 2: Elenco original de *Private Practice*
(Divulgação/ABC)

*Spin-off*¹⁵ de *Grey's Anatomy*, *Private Practice* também é um drama médico, mas com elenco reduzido e proposta diferenciada. Estreou em 26 de setembro de 2007 na ABC e chegou ao fim em 2012, na sua 6ª temporada. No Brasil é transmitida apenas pela Sony. Narra a vida de Addison Montgomery (Kate Walsh, branca), a atraente e renomada cirurgiã neonatal de *Grey's Anatomy*, a ex-mulher de Derek Shepherd introduzida na primeira season finale da série-mãe, partindo do ponto em que ela decide mudar de vida e largar o cargo de chefia da sua especialidade no Seattle Grace Hospital para trabalhar em uma luxuosa clínica particular em Santa Monica, na Califórnia.

Addison se reúne com os seus antigos amigos de faculdade, Naomi (Audra McDonald, negra) e Sam Bennett (Taye Diggs, negro), se juntando a eles na sua cooperativa, o Oceanside Wellness Center. Naomi, melhor amiga de Addison e sócia majoritária da clínica, é uma especialista em fertilidade e hormônologia; já Sam é um especialista em medicina interna que futuramente se torna interesse romântico da protagonista. Os Bennetts são um casal divorciado que tem de lidar com as novas situações com que se deparam, conciliando a vida como ex-maridos, colegas e pais.

Outros personagens são o homeopata Pete Wilder (Tim Daly, branco), o pediatra Cooper Freedman (Paul Adelstein, branco) e a psicoterapeuta Violet Turner (Amy Brenneman, branca), os integrantes restantes da *clínica privada*.

¹⁵ Uma série derivada de outra. Geralmente são produzidos quando um personagem, secundário ou não, é tão carismático que engata um programa para si – o caso de Addison e *Private Practice*.

Dos 6 personagens fixos apresentados no *crossover*¹⁶ com *Grey's Anatomy*, 2 (Naomi e Sam Bennet) são negros – um terço, ou seja, cerca de 33,3% do total.

Scandal (2012)



Foto 3: Elenco original de *Scandal*
(Divulgação/ABC)

Uma ex-consultora de mídia do Presidente, a protagonista Oliva Pope (Kerry Washington, negra) dedica sua vida a proteger e defender as imagens públicas da elite americana, solucionando problemas antes que eles se tornem conhecidos. Depois de deixar a Casa Branca, ela abre sua própria empresa, esperando assim dar início a um novo momento tanto em sua vida profissional quanto na sua pessoal. Uma tentativa sem sucesso de cortar os laços com o seu passado.

Olivia é a chefe da equipe formada por Harrison Jones (Columbus Short, negro), Quinn Rielly (Katie Lowes, branca), Stephen Finch (Henry Ian Cusick, branco), Abby Whelan (Darby Stanchfield, branca) e Huck Finn (Guillermo Diaz, pardo¹⁷), um hacker.

Desse modo, a trama apresenta um grupo disfuncional que tem a missão de mediar as crises empresariais e políticas de seus clientes. A *Olivia Pope & Associates* é uma firma composta por advogados e investigadores chamados para resolver situações que precisam ficar longe da imprensa e da curiosidade do público, antes que essas causem um *escândalo*. Entre as histórias contadas a partir da primeira temporada, está o caso da protagonista com Fitzgerald Grant (Tony Goldwyn, branco), Presidente dos Estados Unidos.

¹⁶ O "cruzamento" entre duas séries em que personagens de duas produções normalmente se encontram. *Private Practice* teve seus personagens introduzidos em um episódio especial de *Grey's Anatomy* que serviu como seu piloto.

¹⁷ Termo oficial do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para definir a cor da pessoa multirracial no Brasil, ressignificado para atender as demandas da análise científica. Abrange cores de pele de variadas tonalidades, provenientes de diferentes graus de melanina associados ao corpo.

Scandal teve seu primeiro episódio exibido nos Estados Unidos pela ABC em 5 de abril de 2012, ocupando o horário de *Private Practice*. No Brasil, assim como as séries previamente citadas, também é transmitida pela Sony.

Dos sete principais personagens apresentados no piloto, 3 (Harrison Jones, Huck Finn e Oliva Pope) não são considerados brancos, inclusive a protagonista, negra. Estatisticamente, esse número representa quase 43% da totalidade de personagens fixos do piloto.

Representação étnico-racial e agendamento

Ainda hoje, outras etnias e raças são marginalizadas em relação aos brancos no ocidente. Pesquisas revelam que estes possuem menor escolaridade e menor acesso à universidade, menores salários e menor expectativa de vida, como aponta Carlos Alberto Medeiros Lima. Já a taxa de morte por homicídios e a de pessoas na faixa da pobreza é mais elevada, proporcionalmente, para quem não é branco. Ainda assim, permanece bem vivo o mito da “democracia social”, causador de graves males à população marginalizada e ao seu desenvolvimento econômico e social em geral, como indicado por Medeiros (2004, p.15). Ainda que por vezes negada, a desigualdade é clara e a discriminação existe.

Socialmente, valores remanescentes da escravidão ainda permeiam as relações e imigrantes de países em piores condições financeiras e de desenvolvimento humano sofrem um tenaz e constante preconceito, assim como, paradoxalmente, os nativo-americanos – parece-se ignorar que o europeu colonizador também era um imigrante ao chegar ao novo continente. Persiste ainda uma mentalidade racista e de intolerância ainda muito presente e enraizada.

Não obstante, mudanças positivas nesse cenário vêm ocorrendo: o governo presidencial de um afro-americano na República Federativa americana, por exemplo, obteve aprovação suficiente para alcançar seu segundo mandato. Contudo, tais grupos sociais ainda possuem menor representação política e, o cerne desse trabalho, menor representação midiática.

Se no censo populacional promovido pelos Estados Unidos no início da década passada, no ano 2000, cerca de 25% da população não se considerava branca, na última pesquisa, em 2010, o número elevou-se para cerca de 28%.¹⁸

¹⁸ Dados divulgados oficialmente pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, agência governamental encarregada pelo censo.

Em 2009, James Hibberd, jornalista do conglomerado de comunicação *The Hollywood Reporter*, fez um levantamento dos programas com episódios de maior audiência na última década. Dos 10 primeiros programas, 4 se tratavam de *reality shows*¹⁹. Com o objetivo de manter a coerência da análise, programas de tal gênero serão excluídos, priorizando-se os *shows* ficcionais e roteirizados. Dos 6 restantes, 1 é a já apresentada série *Grey's Anatomy*, com, como dito, cerca de 45% do elenco principal de sua primeira temporada não considerado branco.

Das outras 5, *Spin City* e *ER*, outro famoso drama médico, são as que possuem um ator não-branco dentre um *cast* fixo inicial de 6 interpretres (aproximadamente 16,6% dos personagens); já dos 5 personagens principais *Frasier*, nenhum é de uma cor diferente da branca (0% de outras etnias). Finalmente, ambos os sitcoms²⁰ *Everybody Loves Raymond* e *Friends* possuíam um elenco fixo de 6 atores, sendo estes, novamente, todos brancos. Mais uma vez, 0% de outras raças.

“O homem europeu ganhou, em força e identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea, colocando-se como o ‘homem universal’ em comparação como os povos não-europeus”, afirma Maria Aparecida Silva Bento (2002, p. 31). Os números não batem: se durante a década em análise mais de um quarto da população americana não se considerou branca, de que maneira todas as séries mais populares no mesmo período, étnico-racial exceção da produção de Shonda Rhimes para a ABC, possuem uma representação étnica do país tão diferente da factual?

Não é só uma questão numérica, entretanto. Os personagens de diferentes cores e etnias de Rhimes não estão simplesmente preenchendo uma cota estabelecida, não estão segregados do contexto ou dos outros personagens das séries, não estão em papéis degradantes ou apenas perpetuando estereótipos. Em *Grey's Anatomy*, a melhor amiga da Dr. Grey é Cristina, de ascendência asiática e considerada a mais talentosa entre os seus colegas, que chega a engajar um noivado com o afro-americano Preston, rival em situação de semelhante prestígio profissional e o mais próximo de amigo de Derek, futuro marido e pai adotivo de uma criança negra em parceria com Meredith. Entre esta e Bailey, negra, é desenvolvida uma relação de mentora e aprendiz e com o *Chief* Webber, negro, é aflorado um sentimento paternal ao longo da série.

¹⁹ Um gênero televisivo baseado na vida verídica, com pessoas supostamente reais e não personagens de um enredo ficcional.

²⁰ Abreviação de *situation comedy* ("comédia de situação", numa tradução livre), é um estrangeirismo usado para designar uma série de televisão humorística com personagens convivendo em um ambiente comum, como apartamentos ou locais de trabalho.

Em *Private Practice*, relacionamentos inter-raciais também ocorrem: Naomi, negra, é a melhor amiga de Addison, que acaba se envolvendo com o também afro-descendente Sam. Assim como em *Grey's Anatomy*, posições de autoridade são ocupadas por pessoas dessa cor: Naomi é a fundadora e diretora da clínica em que a série é ambientada. Não é diferente em *Scandal*, na qual a respeitada e bem-sucedida protagonista Olivia é negra e dá nome à empresa que é o principal cenário da produção. Ela também se envolve com um poderoso homem branco, de modo que a da mesma forma o resto do diverso elenco da série possui singulares tipos de relacionamento entre si.

Grey's Anatomy, vencedora do Globo de Ouro²¹ de melhor série e indicada a mais de 25 *Emmy's*²², figura entre a citada relação de Hibberd; esteve também por repetidas vezes e juntamente com *Private Practice* nas listas anuais de programas de televisão mais lucrativos desenvolvida por Dorothy Pomerantz, colunista da revista de economia e negócios *Forbes*. *Scandal* vem crescendo em audiência desde a estréia, sendo um dos maiores sucesso das últimas *fall seasons*²³.

Fica evidente, portanto, que o espaço das séries destinado a personagens não-brancos na televisão americana é pequeno e não é por conta de uma possível rejeição do público. O êxito comercial, de audiência e de crítica das criações de Rhimes demonstra que o receptor americano está, sim, apto e aberto ao consumo de produções com atores de diferentes etnias e cores. O emissor, nesse estudo as emissoras e produtoras, são as responsáveis pelo não oferecimento de produtos com uma maior diversidade de representações raciais.

O que implica que a verdadeira crítica social tem mudado também de lugar: já não é a crítica política, mas a crítica cultural. Aquela que é capaz de propor uma análise que vá mais além das classes sociais, pois os verdadeiros problemas se situam agora nos desníveis culturais como indicadores da organização e circulação da nova riqueza, isto é, da variedade das experiências culturais. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 58)

Relacionada à Teoria Funcionalista, investigadora das funções e dos efeitos causados pela exposição da audiência à mídia, a teoria do agendamento (*agenda setting*),

²¹ Os *Golden Globe Awards* são prêmios entregues anualmente aos melhores profissionais do cinema e da televisão; atualmente, já foi ultrapassada a marca de 70 edições da cerimônia.

²² O *Emmy* é a principal premiação atribuída a programas televisivos, apresentada pela Academia de Artes & Ciências Televisivas. No caso, se trata do *Primetime Emmy*, reconhecedor da excelência da programação televisiva de horário nobre americano.

²³ Época do ano (outono do hemisfério norte, estação a que o título faz referência) em que as principais séries do horário nobre americano estreiam ou voltam a ser exibidas.

introduzida por Maxwell McCombs e Donald L. Shaw em 1972, é uma das mais importantes teorias que emergiram no campo da comunicação de massa nos últimos 40 anos, como inferido por Bryant e Miron (p. 12, 2004).

Resumidamente, essa teoria afirma que a mídia é bem sucedida ao transferir a atenção do público a certo assunto ou objeto. Ao pautar nossas conversas diárias, estaria na mão da mídia a representação do seu próprio *real*. “A compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media” (SHAW apud WOLF, 2002, p.145).

A essência do modelo de *agenda-setting* já havia sido sugerida em trabalhos como o de Walter Lippmann, em 1922, antes mesmo do termo ser assinalado. Em sua obra *Public Opinion*, Lippmann já defendia que os veículos de comunicação de massa possuem o poder de influenciar as pessoas e de criar uma “hierarquização de temas” considerados relevantes, bem como o de difundir ideologias, imprescindíveis na formação da opinião pública sobre determinado assunto. Os temas ignorados são marginalizados; sem a validação da mídia, recaem no esquecimento.

Conclusão

Se inicialmente o agendamento era observado prioritariamente no campo da política, mais recentemente ocorreu uma ampliação do interesse dos estudiosos pelo tema, abrangendo novos olhares e produzindo novas linhas de investigação. Grande parte dos autores não enxerga a teoria radicalmente, mas procuram observar o seu pensamento basilar e aplicá-lo a diferentes realidades. Houve uma maturação e um refinamento nessa corrente da comunicação e dentre os novos recortes realizados para a pesquisa científica, tem se estudado sua efetividade no que se refere à cultura de massa e, neste âmbito, seus objetivos e repercussões.

Ao agendar uma sub-representação de particulares grupos étnico-raciais em seus produtos televisivos, a grande mídia corporativa da indústria cultura (emissoras, estúdios, produtoras, *showrunners*) corrobora para a manutenção de uma relação racial unilateral e doentia, de subjugação e exclusão.

Se é discutível a maneira com que a *Shondaland*²⁴ retrata e constrói seus múltiplos personagens, como práticas como a de *color-blind casting*²⁵, ao menos suas séries colocam

²⁴ Companhia de produção encabeçada por Shonda Rhimes.

grupos raciais preteridos dentro do *real* midiático. Estabelece-se, assim, um precedente atual necessário. Uma jovem amarela ou um rapaz negro tem nesses programas televisivos uma das raras chances de se sentirem refletidos de maneira positiva, de se sentirem inspirados e parte de um mundo que se propõe a ser uma simulação do real, mas que não os enxerga verdadeiramente.

Construídos historicamente, os direitos nascem de modo gradual, a partir das lutas em defesa de novas liberdades. Ao conferir visibilidade aos sujeitos e ao processo de construção de novos direitos, os veículos (...) possibilitam a constituição de um debate público e pluralista, fundamental para a construção de uma cultura que valorize os direitos humanos e para a formação de novos consensos que busquem o respeito à dignidade humana e o exercício da cidadania. (VIVARTA, 2006, p. 6)

O papel da comunicação como aparelho ideológico seria o de, em um novo *real* paralelo e ideal, o de representar verdadeiramente os indivíduos, minorias ou não; estratégias de inclusão seriam traçadas, promovendo as discussões, a visibilidade e a garantia dos direitos humanos, sem jamais se opor direta ou indiretamente à efetivação dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ABOUT the show: Grey's Anatomy. **ABC Online**, Burbank. Disponível em: <<http://ww2.abc.go.com/shows/greys-anatomy/about-the-show>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

ABOUT the show: Private Practice. **ABC Online**, Burbank. Disponível em: <<http://ww2.abc.go.com/shows/private-practice/about-the-show>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

ABOUT the show: Scandal. **ABC Online**, Burbank. Disponível em: <<http://abc.go.com/shows/scandal/about-the-show>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

BRYANT, Jennings; MIRON, Dorina. **Theory and research in mass communication**. Journal of Communication, vol. 58, dez. 2004. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.2004.tb02650.x/abstract>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

HIBBERD, J. **Top 10 most-watched shows of the decade**. The Hollywood Reporter, Los Angeles, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2009/12/02/us-decade-episodes-idUSTRE5B165620091202>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

²⁵ Também conhecida como *non-traditional casting* (“arranjo de elenco não tradicional”), é a prática em que se procura por um intérprete para um personagem sem características étnicas pré-definidas. O nome “*color-blind*” vem do daltonismo, condição física que impossibilita as pessoas que sofrem do distúrbio de diferenciar algumas ou todas as cores.

HUMES, K. R. et al. **Overview of Race: 2010 Census Briefs**. U.S. Census Bureau, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-02.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

JAGUARIBE, Beatriz. **O Choque do Real: Estética, Mídia e Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

MCCOMBS, Max; SHAW, Donald. **The agenda-setting function of mass media**. Oxford: Public Opinion Quarterly, 1972.

MEDEIROS, Carlos Alberto. **Na Lei e na Raça - Legislação e Relações Raciais**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

OLIVEIRA, Lucia et al. **O lugar do negro na força de trabalho**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1983.

POMERANTZ, D. **TV's Biggest Moneymakers**. Forbes, Los Angeles, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/dorothypomerantz/2011/03/16/tvs-biggest-moneymakers/2/>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H., **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

VIVARTA, Veet; PANELA, Guilherme. **Mídia & Direitos Humanos**. Brasília: ANDI/SEDH, UNESCO, 2006.

WASHINGTON, M. **Interracial Intimacy: Hegemonic Construction of Asian American and Black Relationships on TV Medical Dramas**. Howard Journal of Communications, 20 jul. 2012. Disponível em: <http://www.unm.edu/~cjdept/departament/research/-washington_interracial_intimacy_2012.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2002.